

**Projeto Político-Pedagógico**

**Escola de Educação Básica Feevale**

**Escola de Aplicação**

**2007**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>04</b>
<b>1. DA CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>06</b>
1.1 Contextualização Histórica.....	06
1.2 Contextualização Local.....	06
<b>2. DOS PRINCÍPIOS E FINALIDADES.....</b>	<b>10</b>
2.1 Dos Princípios Filosóficos da Escola.....	11
2.2 Dos Objetivos Gerais da Escola e dos Níveis de Ensino.....	11
<b>3. DAS CONCEPÇÕES E PRINCÍPIOS.....</b>	<b>13</b>
3.1 – Conceção de escola.....	13
3.2 – Conceção de Currículo.....	14
3.3 – Conceção de Avaliação.....	15
3.4 – Conceção de Inclusão.....	16
3.5 – Conceção de Professor/a e Aluno/a.....	18
3.5.1 – Perfil do/a Professor/a.....	18
3.5.2 - Perfil do/a Aluno/a.....	19
<b>4. DA ORGANIZAÇÃO E DA AÇÃO.....</b>	<b>21</b>
4.1 – Princípios Orientadores.....	21
4.1.1 – Educação Básica.....	21
4.1.2 – Educação Profissional.....	22
4.1.3 – Educação de Jovens e Adultos.....	23
4.2 – Da Organização Curricular por Ciclos de Formação.....	23
4.3 - Eixos Articuladores do Currículo.....	26
4.3.1- Relação Teoria – Prática.....	26
4.3.2- Interdisciplinaridade .....	27
4.3.3- Escola como Espaço para Pesquisa.....	28
4.4 - Organização dos Componentes Curriculares.....	29

4.5 -Avaliação.....	30
4.5.1 - Da Avaliação Institucional.....	30
4.5.2 - Da Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem.....	30
4.5.3 - Conselho de Classe.....	31
4.5.4 – Núcleo de Investigação e Intervenção Pedagógica.....	33
4.6 - Constituição de Turmas.....	35
4.7 - Da Metodologia de Ensino.....	35
4.7.1 - Planos de Estudo.....	36
4.7.2 - Planos de Trabalho dos Professores.....	36
<b>5. DA OPERACIONALIZAÇÃO.....</b>	<b>37</b>
5.1 - Da Gestão.....	37
5.2 - Educação Básica.....	37
5.3 - Projetos.....	38
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

O presente documento tem como objetivo explicitar a proposta político-pedagógica da Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação, vinculada ao Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes do Centro Universitário Feevale. Tal proposta representa a síntese do pensamento administrativo-pedagógico institucional e retrata a trajetória que vem sendo percorrida pela comunidade escolar na consolidação do desejo de uma educação de qualidade em todos os níveis e modalidades de ensino.

O referido projeto tem um caráter propositivo, pois, define concepções e princípios coerentes com a legislação vigente e com o Plano Nacional de Educação, devendo ser o balizador da Educação Básica na Instituição, bem como da relação entre os seus diferentes níveis de ensino.

Busca-se aqui expressar a ousadia de inovar com um jeito diferente de ser escola, redimensionando o tempo e o espaço escolar, voltado para a sociedade do conhecimento e não da informação, com uma proposta humanista. Um projeto político-pedagógico que aponta para a superação da cultura tradicionalmente assumida de simples transmissão de conhecimento, avançando no sentido da pesquisa e da construção de novos saberes a partir do convívio e das inter-relações das áreas do conhecimento e destas com a realidade, uma vez que:

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sócio-político com os interesses reais e coletivos da população majoritária. (SAVIANI apud VEIGA, 1995, p.93).

Dessa forma, entende-se que os pressupostos e metas, aqui descritos, representam um compromisso ético e a identidade da Escola de Aplicação do Centro Universitário Feevale e de todos os sujeitos que dele fazem parte e constroem cotidianamente a sua história.

Nessa perspectiva, o Projeto Político-Pedagógico define o caminho de uma escola, pois, conforme Celso Vasconcellos, “o projeto não pode ser uma camisa de força para a escola e para o professor. Deve dar a base de tranqüilidade, as condições para administrar o cotidiano e, assim, inclusive, liberar espaço para a criatividade” (2002, p.47).

## **1. DA CONTEXTUALIZAÇÃO**

### **1.1 - Contextualização Histórica**

A Escola está inserida num contexto sócio-político-econômico-cultural de intensa globalização, com um acelerado crescimento tecnológico, das comunicações e descobertas científicas, que a um tempo servem ao homem e ao mesmo tempo servem-se dele.

A insegurança, a violência, a marginalização, a exclusão, a falta de ética, a carência de uma reflexão crítica e a crise dos valores são algumas tensões do cotidiano. Novo Hamburgo não se diferencia dessa situação, já que é uma cidade com história de pólo coureiro-calçadista em que os processos migratórios internos aceleraram as diferenças entre as classes.

É nesta realidade, com todas as suas discriminações, seus contrastes, suas injustiças que nos movemos, é neste espaço que vivemos, que de uma maneira ou outra participamos e por ele somos responsáveis. Situar-se nesta dimensão exige reformulação, reflexão e uma ação consciente para que o homem possa voltar a ser o agente transformador e sujeito de história, criador e criatura.

Assim, na perspectiva de formação de um ser humano pensante e ativo, buscamos, nesta Escola, garantir a construção de conhecimentos e valores para uma compreensão crítica e transformadora da realidade na qual estamos inseridos.

### **1.2 - Contextualização Local**

Em 27 de fevereiro de 1989, foi criada a Escola de 2º Grau FEEVALE, para funcionar os cursos de formação técnica de Desenhista de Calçados e Acessórios, Contabilidade e o 2º Grau como formação geral, oferecendo à comunidade um trabalho de inserção na região do Vale do Rio dos Sinos. Já nesta ocasião, a Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior – FEEVALE, justificava a criação desta escola, colocando no processo de autorização de

funcionamento como sendo um espaço de aplicação para os acadêmicos dos cursos de Pedagogia, Educação Física e Educação Artística, possibilitando, também, os estágios exigidos por estes cursos que eram oferecidos na época.

Já a Escola de 1º Grau surgiu da iniciativa de um grupo de pais. A proposta, levada ao conhecimento da ASPEUR, foi autorizada e reconhecida junto ao Conselho Estadual de Educação e, em 28 de janeiro de 1994, deu-se início às aulas com uma turma de Jardim de Infância e outra de 6ª série, conforme Projeto de Implantação Gradativa das Séries. Alguns aspectos filosóficos e metodológicos marcaram o cenário da prática educacional, tais como a construção curricular organizada pelos pais e professores da escola, representantes do 2º e 3º Graus da Feevale e integrantes de diferentes segmentos representativos da comunidade do Vale do Rio dos Sinos.

Sempre com uma proposta de atuação comunitária, a Escola foi ampliando seu atendimento. Em 20 de agosto de 1997, foi autorizado o funcionamento do Curso de Suplência de 2º Grau; e em 10 de dezembro do mesmo ano, foi autorizado o Curso de Suplência de 1º Grau, bem como foi implantado o Curso de Suplência de 1º Grau junto à Empresa Caeté S/A, em Campo Bom. A partir de 12 de agosto 1998, após aprovação junto ao CEED, atendendo mais uma vez a demanda, os cursos técnicos em Publicidade e Processamento de Dados foram implantados e oferecidos à comunidade.

Na data de 23 de dezembro de 1998, ocorreu a união das duas unidades, formando-se o Centro de Ensino Médio Feevale, sendo agora administrado por uma única equipe diretiva. A escola recebeu esta denominação, pois funcionava em dois Campi, a Unidade de Ensino Médio no Campus II e a Unidade de Ensino Fundamental no Campus I.

Nesse período, além da mudança de nome, a Escola optou pela organização curricular por Ciclos de Formação, fazendo alterações na proposta de trabalho e, fundamentalmente, na avaliação, investindo na Educação Inclusiva.

Mais tarde, por razões estruturais e de operacionalização, a Escola passou a funcionar em prédio único, junto ao Campus I, pois, em 22 de julho de 1999, a Federação de

Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo – FEEVALE recebeu o status de Centro Universitário.

Em 13 de janeiro de 2000, foram aprovados os Cursos Técnicos em Transações Imobiliárias e Hotelaria, que passaram a ser oferecidos neste mesmo ano.

Para a Educação Profissional, a Instituição tem investido efetivamente em recursos. Em 2001, foram criados os laboratórios de Hardware e de Redes para o Curso Técnico em Informática; em 2003, foi organizada a Agência Experimental de Publicidade e Propaganda como mais um espaço para as aulas de Prática Profissional do Curso Técnico em Publicidade. Ressalta-se que a participação de pais na construção do trabalho tem sido outro diferencial. Com uma APP, Associação de Pais e Professores, atuante, a escola tem agendado, em seu calendário, eventos especiais e festivos, buscando sempre a integração escola e família.

A Escola de Aplicação foi oficializada, institucionalmente, através da Resolução 20/2002 - PROGRAD, tendo como responsabilidades a elaboração e implementação de projetos de pesquisa-ação na área do conhecimento respectivo de cada curso de formação de professores e de propostas interdisciplinares a serem desenvolvidas nas diversas etapas da Educação Básica, no âmbito da Escola.

Em 2003, atendendo às exigências legais e buscando a coerência com o que era proposto, o Centro de Ensino Médio passa a ser denominado Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação. Sendo assim, a Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação assume os princípios pedagógicos no Projeto Institucional Pedagógico do Centro Universitário Feevale, inserindo-se no Projeto de Integração dos diferentes níveis de Ensino da Instituição.

A Escola de Aplicação é um espaço de extensão universitária e está diretamente vinculada ao Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes – ICHLA, do qual fazem parte cursos de Licenciatura e Formação de Professores. A Escola atende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio, a Educação Profissional e a Educação de Jovens e Adultos de Ensino Fundamental e Médio, articulando a pesquisa com práticas pedagógicas inovadoras.



Sendo por origem e tradição uma Instituição Comunitária, a Feevale está atenta também para questões sociais de sua área de abrangência, criando projetos especiais e parcerias que venham contribuir para uma melhor qualidade de vida aos que vivem e dos que dela dependem.

A partir de 2007, atendendo a Lei federal nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006 que determina a duração de nove anos para o Ensino Fundamental, a escola alterou a organização curricular, para este nível de ensino. Assim como, a reformulação dos currículos dos Cursos Técnicos oferecidos até então, quais sejam, Curso Técnico em Informática e Curso Técnico em Publicidade.

No Ensino Médio, optou-se pela continuidade da organização atual, considerando-se as finalidades atribuídas a este nível de ensino, quais sejam, o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado. (Art.35) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ( nº 9394/96).

## **2. DOS PRINCÍPIOS E FINALIDADES**

A Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação tem por fins educativos questionar e romper com a estrutura político-econômica e social vigente, acreditando no eixo básico que sustenta o trabalho pedagógico que é o comprometimento com a construção do conhecimento pelo próprio sujeito. Esta construção dá-se pela mediação do sujeito com o objeto de conhecimento através da cooperação.

Assim, se até hoje as instituições escolares estiveram à mercê da política e da situação social é, também, através da educação escolar, que cremos ser possível a construção de uma sociedade mais justa, que respeite as diferenças, que garanta espaço para que o individual possa emergir no social, favorecendo, dessa forma, a garantia aos direitos de todos.

Nesses termos, os esforços dessa Instituição de Ensino convergem na direção de construir e concretizar um projeto pedagógico que parta do entendimento que os tempos e espaços escolares de convivência, de ensino e de aprendizagem pautem-se pela ética e constituam-se a favor do bem maior que é a vida.

Sob esse enfoque, cabe aos/às professores/as, funcionários/as e Especialistas em Educação, que atuam na Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação, a tarefa de garantir a circulação do conhecimento, da multiplicidade de pensamentos, bem como a humanização nas relações decorrentes dos processos de ensino e de aprendizagem. O princípio que norteia as ações relaciona-se à formação de um sujeito-aluno/a consciente, crítico e autônomo que saiba respeitar os limites construídos, a partir da definição coletiva de princípios de convivência; que se responsabilize por suas atitudes; que saiba analisar e interpretar a realidade, transitando em toda a complexidade que a vem caracterizando, situando-se na sociedade e posicionando-se na busca de alternativas para transformá-la.

Sendo assim, a organização da Escola deve balizar-se por alguns parâmetros básicos, assim definidos:

- Elaboração coletiva do Projeto Político-Pedagógico ;
- Flexibilidade, a fim de acolher as transformações ocorridas nas diferentes fronteiras das ciências, bem como contribuir com essas transformações;
- Formação integral, que possibilite a compreensão das relações de trabalho, de alternativas sócio- políticas de transformação da sociedade, de questões relacionadas ao meio ambiente e à saúde, na perspectiva de construção de uma sociedade sustentável;
- Interdisciplinaridade
- Predomínio da construção do conhecimento sobre a informação;
- Articulação entre teoria e prática;
- Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

## **2.1 – Dos Princípios Filosóficos da Escola**

A partir de uma concepção sócio-interacionista, a Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação compreende a educação como construção coletiva permanente, baseada nos princípios de convivência, solidariedade, justiça, respeito, valorização da vida na diversidade e na busca do conhecimento. Nessa perspectiva, utiliza-se de uma metodologia cooperativa e participativa, que contribua na construção da autonomia moral e intelectual de todos os envolvidos no processo educativo, buscando humanização e a mudança social.

## **2.2 – Dos Objetivos Gerais da Escola e dos Níveis de Ensino**

Os objetivos gerais da Escola e dos níveis de ensino estão pautados nos princípios filosóficos da Instituição. Basicamente, pretendem dinamizar um currículo que contemple temas e preocupações mundiais; resgatar a visão de totalidade dos sujeitos; estabelecer princípios curriculares que possibilitem a participação e co-responsabilização dos sujeitos, priorizar uma ação pedagógica voltada à construção de cidadãos conscientes; garantir o

acesso ao conhecimento sistematizado; e, implementar um espaço de pesquisa. Os referidos objetivos estão expressos de forma detalhada no Regimento Escolar.

### **3. DAS CONCEPÇÕES E PRINCÍPIOS**

#### **3.1 - Concepção de Escola**

A Escola, inserida no contexto social, inscreve-se como a instituição que oportuniza a vivência de experiências culturais mais amplas e diversificadas. A família, o simples convívio social, os meios de comunicação e, até mesmo, o trabalho, nem sempre possuem condições de propiciar essa vivência.

A ação educativa, na Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação apresenta como proposta pedagógica a premissa de que o conhecimento é construído nas discussões coletivas e que as relações de aprendizagem possibilitam a reversibilidade de papéis no ato de ensinar e aprender. Nesse sentido, CANÁRIO (2006, p.11) indica que

[...]O objetivo seria que cada escola pudesse transformar-se em um centro de educação permanente, profundamente enraizada no contexto local e capaz de fazer interagir múltiplos tipos de aprendentes. O que está em causa é fazer da escola um lugar onde todos possam aprender e se tornem habituais situações de reversibilidade dos papéis de ensinar e aprender[...]

A escola insere-se, dialeticamente, na sociedade e, por isso, os/as alunos/as não estão num dado momento, sendo preparados/as para a vida e em outro vivendo. A aprendizagem precisa acontecer a partir de problemas reais. Assim, educar é mais que reproduzir conhecimento. É, sobretudo, responder aos desafios da sociedade na busca da transformação. Portanto, “os sujeitos que hoje vão à escola constituem uma população altamente diversificada, o que gera a necessidade de prestar atenção às diferentes maneiras de interpretar o mundo, o conhecimento e as relações sociais.” ( MENEZES, 2006)

Além de ser um espaço de conhecimentos sistematizados, a escola a partir de sua prática diária, busca a superação de preconceitos e combate às atitudes discriminatórias. Da mesma forma o espaço de convivência de crianças e jovens de origens e níveis

socioeconômicos diferentes, com costumes, dogmas religiosos e visões de mundo compõem a diversidade da escola. Portanto conforme afirma GADOTTI

A escola integra e articula os novos espaços de formação criados pela sociedade da informação. Ela deixa de ser “lecionadora” para ser cada vez mais “gestora” da informação generalizada, construtora e reconstrutora de saberes e conhecimentos socialmente significativos. Portanto, ela tem um papel mais articulador da cultura, um papel mais dirigente e agregador de pessoas, movimentos, organizações e instituições. (2006, p.55)

### **3.2 - Concepção de Currículo**

A concepção de currículo, adotada pela Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação pretende ultrapassar a estrutura linear e compartimentalizada das disciplinas isoladas e desarticuladas. Assim, busca relações de reciprocidade e colaboração entre as diversas áreas em uma atitude dialógica e cooperativa permanente, necessária à compreensão das múltiplas relações que constituem o mundo da vida, no qual os sujeitos, mediados pela comunicação, organizam-se e interagem construindo saber, cultura e condições necessárias à existência. Corrobora com essa idéia FERRAÇO

Pensar os currículos de uma escola pressupõe, então, viver seu cotidiano que inclui, além do que é formal e tradicionalmente estudado, toda uma dinâmica das relações estabelecidas, ou seja, para se poder falar dos currículos praticados nas escolas, é necessário estudar os hibridismos culturais vividos nos cotidianos. (2006, p. 10)

O currículo deve redimensionar, constantemente, os espaços e tempos escolares, revendo concepções e práticas pedagógicas. Nesse contexto, a formação permanente dos/as educadores é indispensável, promovendo a cooperação entre os implicados no processo educativo, possibilitando mudanças, a partir de uma práxis reflexiva, tendo em vista a qualificação do processo de ensino – aprendizagem.

Todo o processo de educação escolar, por ser intencional e sistemático, implica a elaboração e realização de um programa de experiências pedagógicas a serem vivenciadas em sala de aula, na escola e fora dela. O currículo é entendido aqui como o conjunto dessas atividades, carregadas de sentido, com uma intencionalidade educativa, capaz de indicar os

caminhos, admitindo mudanças, atalhos, alterações significativas em busca da aprendizagem de todos os alunos. Assim, a educação ultrapassa a reprodução de saberes e fazeres, possibilitando a troca de experiências e a construção de aprendizagens significativas.

Dessa forma, o currículo está diretamente relacionado ao contexto sócio-político-cultural e, assim, é construído de forma dinâmica e participativa através de uma abordagem interdisciplinar, tendo em vista, prioritariamente, a formação do cidadão comprometido eticamente com a transformação da sociedade.

### **3.3 - Concepção de Avaliação**

A avaliação deve ser entendida como suporte do processo decisório da gestão da educação básica, bem como da relação ensino-aprendizagem nela desenvolvida. Esta concepção de avaliação como processo decisório:

muda radicalmente o processo avaliativo do aluno, não mais voltado à mera frequência e às notas das provas, mas na pesquisa e elaboração própria. Está em jogo sua capacidade de questionar e reconstruir, na teoria e na prática, com qualidade formal e política. Busca-se avaliar as condições de formação da competência, dentro de um processo evolutivo sustentado a longo prazo, através sobretudo de um sistema de acompanhamento cuidadoso e dedicado, mais do que por notas, semestre a semestre. Avaliar não é apenas medir, mas sobretudo sustentar o desempenho positivo dos alunos (...) não se avalia para estigmatizar, castigar, discriminar, mas para garantir o direito à oportunidade. As dificuldades devem ser transformadas em desafios, os percalços em retomadas e revisões, as insuficiências em alerta. (DEMO, 2000, p. 97).

Assim, é preciso que a avaliação seja diagnóstica, processual e mediadora, envolvendo toda a comunidade escolar.

O caráter diagnóstico da avaliação assume a função de um processo abrangente, cuja ênfase deve recair, não só na aprendizagem do/a aluno/a, mas também, e concomitantemente, na organização do ensino e nas relações que se estabelecem em sala de aula. Configura-se, dessa forma, como um processo reflexivo, contínuo e permanente das práticas pedagógicas, cujo objetivo principal é o planejamento e a intervenção.

A avaliação processual constitui-se na análise e reflexão do programa de aprendizagem, das atividades curriculares, do desenvolvimento do/a aluno/a, bem como da ação do/a professor/a.

A ação avaliativa mediadora oportuniza aos/as alunos/as momentos de expressão e discussão dos saberes, tarefas diversificadas que auxiliam na localização das dificuldades e descobertas das soluções. Essa possibilidade de reflexão do processo ensino-aprendizagem tem como instrumento básico os registros de avaliação com anotações significativas sobre o acompanhamento dos/as alunos/as em seu processo de construção do conhecimento.

Portanto, a Escola propõem a avaliação formativa como instrumento de regulação da aprendizagem permitindo ao professor conhecer sobretudo o que o aluno aprendeu ou não, para otimizar as situações de aprendizagem propostas a cada aluno. ( Perrenoud, 2004)

Nesse sentido, a avaliação formativa assegura que os processos de construção de conhecimento vão se adequando às características dos alunos, permitindo a adaptação do ensino às características individuais.

### **3.4 - Concepção de Inclusão**

A Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação tem como proposta ser uma escola inclusiva. Partindo do pressuposto de que a educação é para todos, busca-se reconhecimento e valorização da diversidade e das diferenças individuais como elementos intrínsecos e enriquecedores do processo escolar e a garantia do acesso e permanência do aluno na escola. Acredita-se, para tanto, que os sujeitos podem aprender juntos, embora com objetivos e processos diferentes, tendo em vista uma educação de qualidade. Conforme CARVALHO,

Especiais devem ser consideradas as alternativas educativas que a escola precisa organizar, para que qualquer aluno tenha sucesso; especiais são os procedimentos de ensino; especiais são as estratégias que a prática pedagógica deve assumir para remover barreiras para a aprendizagem. Como esse enfoque temos procurado pensar no especial da educação, parecendo-nos mais recomendável do que atribuir essa característica ao alunado. (2000, p.17)



Tal conceito nos remete a mudanças significativas no contexto escolar no que se refere às questões pedagógicas, relacionais, administrativas e institucionais, garantindo a aprendizagem de todos os alunos, tendo em vista o respeito pela diferença. Nessa assertiva, CARVALHO( 2000, p. 17) “[...] a diferença não é uma peculiaridade das pessoas com deficiências ou das superdotadas. Todos somos absolutamente diferentes uns dos outros e de nós mesmos, a medida que crescemos e nos desenvolvemos. Somos todos especiais.”

A inclusão de alunos/as com necessidades educacionais especiais implica redimensionamento curricular dos processos de ensino-aprendizagem, bem como do acesso aos diferentes espaços físicos da Instituição. Segundo Werneck (1999, p. 12-13),

Partindo da premissa de que quanto mais a criança interage espontaneamente com situações diferenciadas, mais ela adquire o genuíno conhecimento, fica fácil entender porque a segregação não é prejudicial apenas para o aluno com deficiência. A segregação prejudica a todos, porque impede que as crianças das escolas regulares tenham oportunidade de conhecer a vida humana com todas as suas dimensões e desafios. Sem bons desafios, como evoluir.

Dessa forma, a Escola de Aplicação busca organizar a prática pedagógica, possibilitando a individualização do ensino de acordo com as particularidades de todos os alunos. Atendendo a esse princípio, a Escola trabalha com a bi-docência, que é a participação de mais de um professor em sala de aula. Pressupõe, sobretudo um trabalho de planejamento coletivo e de colaboração entre os profissionais, centrando-se no contexto do grupo, atendendo não só os alunos com necessidades educativas especiais, mas também as eventuais especificidades dos demais alunos, contribuindo, dessa forma, com o processo de inclusão escolar. As adaptações curriculares, tanto no que se refere às adaptações dos objetivos, dos métodos, como também da avaliação, ocorrem como uma das formas mais específicas de contemplar as necessidades individuais do aluno.

Além disso, entende-se que as discussões a respeito da inclusão devem ser ampliadas e estendidas a toda comunidade escolar, para que haja o entendimento e respeito às diferenças, já que somos todos diferentes com um jeito próprio de pensar e agir. Assim, “[...] é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito

de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza.” (SANTOS apud MONTANO, 2003, p.34).

### **3.5 - Concepção de Professor/a e Aluno/a**

Em uma concepção dialógica, professor e aluno compreendem o ato pedagógico como um processo no qual a pesquisa é o caminho que possibilita a escuta de sua prática, num movimento de ação-reflexão-ação. Nessa assertiva, a prática da pesquisa, como parte do trabalho docente, referencia-se de forma especial em Freire (1997, p.32):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar e constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Considerando que a prática educativa é reflexiva e dialógica e que o ato pedagógico é um ato político, acredita-se na força de transformação social do ato de educar. Para tanto, o professor deve ser dinâmico, criativo, atento às questões locais, mundiais e tecnológicas; ser conhecedor das concepções pedagógicas adotadas pela escola, norteadoras da sua ação educativa, como condição essencial para a autonomia e autoria de pensamento.

#### **3.5.1 - Perfil do/a Professor/a**

Referenciando o disposto no Projeto Institucional Pedagógico do Centro Universitário Feevale – PIP (p. 30-34), define-se como perfil docente da Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação:

- Formação científica e experiência na área de atuação do curso e disciplina;
- Visão interdisciplinar de sua área de conhecimento, podendo estabelecer relações entre as disciplinas;
- Possibilidade de ultrapassar a “transmissão” de conteúdos: saber ser e saber fazer;
- Compreensão da relação de aprendizagem dialógica;

- Capacidade de trabalhar em equipe;
- Competência formadora – científico/pedagógica.

### 3.5.2 - Perfil do/a Aluno/a

A definição do perfil do/a aluno/a constitui-se condição fundamental para elaboração do projeto pedagógico e currículo escolar. As condições atuais de mercado e as necessidades sócio-econômico-culturais impõem a formação de uma pessoa inovadora, flexível e competente, um cidadão consciente e comprometido com a sociedade e com a natureza. Segundo Zainko (1999, p.25):

É evidente que o ritmo do avanço científico e tecnológico e a acumulação de conhecimentos resultará menos importante no futuro. (Ottone, 1992) O que será fundamental é a capacidade de aprender a navegar nesse saber que toma proporções de um oceano, no dizer de Morin, associada à flexibilidade, ao saber fazer, à abertura mental, à formação permanente, à autonomia intelectual, à criatividade, como elementos essenciais do novo processo ensino-aprendizagem.

Define-se, portanto, através do perfil do/a aluno/a, algumas questões que deverão ser objeto de atenção e de construção, por parte dos/das professores/as, ao longo dos diferentes ciclos de formação do Ensino Fundamental e do Ensino Médio:

- Ter autonomia e autoria de pensamento;
- Ser pesquisador;
- Utilizar o conhecimento em situações desafiadoras;
- Aprender a aprender;
- Manejar, criativamente com a lógica, raciocínio, argumentação, dedução e indução;
- Ser capaz de trabalhar em equipe;
- Ser empreendedor;
- Ser cooperativo;
- Ser ético;
- Ter responsabilidade com a manutenção do meio ambiente;
- Reconhecer-se como pessoa e ser agente transformador da sociedade com possibilidades de avaliar e questionar a realidade social, favorecendo mudanças;

- Ser conhecedor da realidade regional, nacional e internacional, capaz de contribuir para a formação de uma nova consciência política, afinada com a sociedade globalizada;
- Utilizar os conhecimentos da tecnologia como ferramenta facilitadora e modernizadora de sua atividade profissional.

## 4. DA ORGANIZAÇÃO E DA AÇÃO

### 4.1 - Princípios Orientadores

#### 4.1.1 – Da Educação Básica

A Escola prevê a oferta à comunidade da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, além da Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos, conforme legislação vigente.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, nº 9394/96, em seu artigo 26, “*os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela*”.

Portanto, expressa-se, no Projeto Político-Pedagógico da Escola, os princípios básicos para construção de uma proposta pedagógica que vise a articulação entre os saberes locais dos sujeitos e a estruturação de Projetos Interdisciplinares que possibilitem o acesso ao conhecimento sistematizado, em cada uma das áreas, com vistas à aprendizagem significativa.

Pretende-se uma ressignificação curricular constante, no contexto da Educação Básica, Ensino Profissional e Educação de Jovens e Adultos, compreendendo que [...] “o currículo é *um conjunto de aprendizagens valorizadas socialmente* e como uma construção permanente e inacabada, resultante da participação de todos, um espaço integrado e dialético, sensível à diferenciação e que, conseqüentemente não ignore a existência de uma realidade que se constrói na diversidade.” (MORGADO, 2004, p. 117)

A proposta pedagógica da Educação Básica, expressa no Projeto Político-Pedagógico da Escola, prevê uma articulação no desenvolvimento do currículo, sobrepondo-se práticas

políticas, administrativas, econômicas e pedagógicas levando em consideração “que o aluno já traz uma bagagem cultural, [...] não aprende só no tempo de aula, nem só através do professor; há um movimento autógeno de busca de atribuição de sentido para o mundo em que vive”. (VASCONCELOS, 2002, p. 141). Nessa perspectiva, o currículo é conteúdo cultural e cabe aos/às educadores/as estabelecer um projeto para que esta cultura escolarizada concretize-se de forma crítica e participativa junto aos sujeitos do processo, ficando evidente a necessidade de um trabalho docente coletivo, na busca da aprendizagem significativa de todos.

Além disso, entende-se que a participação dos pais, na formação de seus filhos, em parceria com a escola, seja de fundamental importância para a constituição de um comprometimento com o processo de aprendizagem.

#### **4.1.2 – Da Educação Profissional**

A Educação Profissional, na Escola de Educação Básica Feevale -Escola de Aplicação, prevê a formação de profissionais de nível técnico a partir das demandas sociais e econômicas advindas da região do Vale do Sinos, em que, conforme a definição das Diretrizes Curriculares Nacionais, “*a educação profissional integra as diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduzindo ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, a ser desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, na perspectiva do exercício pleno da cidadania*”.

Oportuniza ao aluno acesso e condições de construir seus conhecimentos técnicos e científicos, através do desenvolvimento do pensamento lógico, postura investigativa, criativa e crítica, para que exerça sua cidadania de forma consciente, assumindo responsabilidades sociais, éticas e políticas na sua atuação no mundo do trabalho.

Forma cidadãos voltados para a vida produtiva, desenvolve habilidades, competências e conhecimentos atendendo ao perfil de conclusão dos profissionais da área.

Os Planos dos Cursos Técnicos expressam os princípios de formação profissional e definem os conhecimentos previstos para qualificação do/a aluno/a com vistas à construção do perfil profissional de conclusão.

#### **4.1.3 – Da Educação de Jovens e Adultos**

A proposta pedagógica desenvolvida na Escola, para a Educação de Jovens e Adultos, visa a construção da cidadania e da autonomia moral e intelectual, tendo como princípios norteadores:

- Leitura da realidade: considera os sujeitos com suas histórias e vivências, respeitando os diferentes conhecimentos dos/as alunos/as, proporcionando experiências educativas que resgatem o prazer e a busca pelo conhecimento;
- Resgate de valores e da identidade: construção de sujeitos históricos, competentes, críticos, éticos e participativos capazes de transformarem a realidade social e política numa relação de respeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza;
- Construção do conhecimento e participação coletiva: está fundamentada a partir do que o sujeito já conhece, do que está disponível na cultura, sendo marcada pela relação dos sujeitos, valorizando o contexto do erro e da dúvida, no qual o desafio do professor é ser articulador para que o processo da construção do conhecimento se efetive, tendo em vista uma relação dialógica.

#### **4.2 - Da Organização Curricular por Ciclos de Formação**

A proposta de ciclos está ligada a um projeto de educação que valoriza a formação global humana. Destaca-se, aqui, um trecho do documento introdutório que apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais previstos para o Ensino Fundamental (1997): “*os conhecimentos adquiridos na escola requerem tempos que não necessariamente os fixados de forma arbitrária, nem pelo ano letivo, nem pela idade do aluno*”.

O ciclo de formação é uma forma de organizar a escola, privilegiando a continuidade da trajetória do aluno, suas experiências, respeitando o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Assim, a reorganização temporal da escola em ciclos insere-se em um processo de reavaliação das práticas pedagógicas, tendo em vista as características, o ritmo, os interesses, as histórias de vida dos alunos/as, com vistas à construção de um projeto coletivo.

Tal posicionamento possibilita uma relação significativa entre o conhecimento e a realidade, pois reconhece no aluno um sujeito social, político e cultural.

Dessa forma, os conteúdos serão selecionados e desenvolvidos pressupondo-se a interação currículo/realidade, uma vez que exigirá, ao mesmo tempo, a atenção àquela realidade concreta (àquele agrupamento específico de alunos, a cada um individualmente em um dado contexto) e a clareza dos objetivos, conteúdos e atividades que historicamente tem contribuído no desenvolvimento de outros sujeitos, naquela faixa etária.

Para que essa prática se efetue, é preciso “manter o currículo aberto, em movimento, vivo, como espaço de criatividade e de transformação” (VASCONCELLOS, 2002, p. 139). Nesse sentido, o currículo deve estar sustentado por uma metodologia que ultrapasse as aulas meramente expositivas, uma vez que, quem constrói o conhecimento é o sujeito (aluno) a partir da relação social, mediada pela realidade. Portanto, “o papel do professor na construção do conhecimento é provocar (colocar o pensamento do aluno em movimento); dispor objetos/elementos/situações e interagir com a representação do sujeito (acompanhar o percurso de construção)”. (VASCONCELLOS, 2002, p. 160).

A organização curricular por ciclos de formação necessita de um planejamento coletivo, pois os professores, conforme Lima (2000, p.27):

[...] irão compartilhar o mesmo aluno durante o ciclo. A responsabilidade pela formação do aluno passa a ser do coletivo, dessa forma a aprendizagem será consequência da ação de vários educadores, bem como o processo de avaliação dependerá da colaboração de uma equipe.

Embasada no art. 23 da LDB 9394/96, a Escola fez a opção pela organização por ciclos de formação, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na modalidade EJA,



possibilitando que o currículo seja trabalhado em um período de tempo maior, respeitando os diferentes processos de aprendizagem dos/das alunos/as, favorecendo uma menor fragmentação do conhecimento e uma intervenção efetiva para garantir melhores condições de aprendizagem.

Portanto, a Escola organiza-se da seguinte forma:

<b>EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	Etapa A (4 anos)	
	Etapa B (5 anos)	
<b>ENSINO FUNDAMENTAL</b>	1ª etapa	<b>1º Ciclo</b>
	2ª etapa	
	1ª etapa	<b>2º Ciclo</b>
	2ª etapa	
	3ª etapa	
	1ª etapa	<b>3º Ciclo</b>
	2ª etapa	
	1ª etapa	<b>4º Ciclo</b>
2ª etapa		
<b>ENSINO MÉDIO</b>	1ª etapa	<b>1º Ciclo</b>
	2ª etapa	
	1ª etapa	<b>2º Ciclo</b>

**Educação Profissional:** organização em regimento próprio.

**Educação de Jovens e Adultos:**

Do Ensino Fundamental: ( etapas finais)

- 3º Ciclo- 1ª e 2ª etapas.
- 4º Ciclo - 1ª e 2ª etapas.

Do Ensino Médio:

- 1º Ciclo – 1ª etapa e 2ª etapa
- 2º Ciclo – Etapa única

### **4.3 - Eixos Articuladores do Currículo**

#### **4.3.1 - Relação Teoria - Prática**

De acordo com a proposta da Instituição, explicitada no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, o ensino é, portanto, a forma, por excelência, através da qual o conhecimento se legitima como mediação para o homem construir sua condição de existência, no contexto histórico-social em que ela se manifesta. (p.189, 2005)

A prática social é a referência para a prática acadêmica, devendo constituir-se então como ponto de partida e também como ponto de chegada para a mesma. Assim, a relação teórico-prática, não se trata apenas da aplicação de estudos teóricos realizados na graduação, privilegiando os saberes instrumentais e a prática em detrimento da teoria, através de atividades desenvolvidas na Escola de Aplicação e sim, de uma articulação entre ambas, possibilitando o desenvolvimento de competências complexas do trabalho intelectual, como a crítica, o desenvolvimento de conhecimentos científicos e tecnológicos e a participação política, por exemplo.

Entende-se que a relação teórico-prática se dá através de uma proposta que possibilite uma ação reflexiva, fundamentada teoricamente. Assim, espaços de estudos científicos, tecnológicos e sócio-históricos, enquanto métodos para a sua aprendizagem e, também, enquanto produto do pensamento humano, necessariamente deverão estar presentes nos diferentes espaços de formação acadêmica. De acordo com Kuenzer e Rodrigues (2006):

Ensinar a conhecer, enquanto capacidade de agir teoricamente e pensar praticamente é a função da escola; e este aprendizado não se dá espontaneamente através do contato com a realidade, mas demanda o domínio das categorias teóricas e metodológicas através do aprendizado do trabalho intelectual. Ou seja, a prática, por si só não ensina, a não ser através da mediação da ação pedagógica. São os processos pedagógicos intencionais e sistematizados, portanto, que mediando as relações entre teoria e prática, ensinarão a conhecer. Não basta, portanto, inserir o trabalhador na prática, para que ele espontaneamente aprenda. (p. 209)

A relação teórico-prática se efetiva na articulação dos diferentes níveis de ensino, sendo que a Escola de Aplicação constitui-se como um espaço de formação do acadêmico,

dentro da Educação Básica. Dá-se, também, no desenvolvimento de cada disciplina integrante do currículo da Escola, através dos projetos realizados, ampliando os conhecimentos e promovendo a interface com as disciplinas dos Cursos da Graduação. Busca-se, através da Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação, consolidar uma proposta inovadora de ensino, pesquisa e extensão..

Entre outras atividades, a implementação do Projeto Central Analítica - Laboratório de Processos Ambientais que propõe a interface entre a Engenharia Industrial e a Escola de Aplicação buscando a realização de atividades interdisciplinares entre as áreas do conhecimento, em especial, da Química e da Biologia; O projeto Ciência e Sociedade que visa o desenvolvimento de atividades de pesquisa-ação e proporciona um espaço permanente de troca e de interlocução entre os diferentes componentes curriculares, com o objetivo de propiciar o desenvolvimento do espírito investigativo do discente e o estímulo a conjugação ensino-pesquisa; O projeto Literatura sai da Casca apresenta entre os principais objetivos suscitar nos estudantes o gosto e o desejo pela leitura e sensibilizar e estimular o aluno para as artes literária e dramática.

Alarcão(2003) afirma que a sala de aula deixou de ser um espaço de transmissão de conhecimento e passou a ser um espaço para produção de conhecimento, tanto do aluno, quanto do professor.

Os exemplos citados acima, mostram algumas práticas que buscam a construção de um saber teórico-prático, utilizando trabalhos de saídas de campo (visitas, passeios...) e atividades especiais em espaços diversificados (laboratórios), articulando a fundamentação teórica trabalhada em sala de aula com os aspectos relacionados à realidade sócio-cultural, possibilitando ao aluno a utilização de diferentes estratégias de aprendizagem, levando a autoria de pensamento e criticidade, maior participação e comprometimento com a realidade social.

#### **4.3.2 – Interdisciplinaridade**

A Escola procura desenvolver inúmeras atividades, acreditando na concepção de que é um espaço de aprendizagens significativas, envolvendo uma mudança da postura pedagógica.

Conforme Souza (1997)

[...] o compromisso em elaborar um marco mais geral, segundo o qual, cada uma das disciplinas em contato será modificada, passando a depender uma das outras. Assim, estabelece-se uma interação entre as

disciplinas, trazendo uma intercomunicação e um enriquecimento recíproco e, em consequência, uma transformação de suas metodologias, conceitos, terminologias fundamentais, etc (p. 13).

As trocas entre os diversos profissionais proporcionam uma maior integração das disciplinas e dos projetos, enriquecendo-os a partir dos diferentes olhares. Reafirmando este posicionamento, Ivani Fazenda (1991) salienta que a interdisciplinaridade depende então, basicamente, de uma mudança de atitude perante o problema do conhecimento, da substituição da concepção fragmentária pela unitária do ser humano.(p. 31)

Essa concepção nasce e aprimora-se nos meios escolares, nos quais as propostas de trabalho contemplam as diferentes áreas de conhecimento sob um enfoque interdisciplinar, descompartmentalizando-se, dessa forma, as disciplinas. Nessa perspectiva, busca-se resgatar as relações de sentido entre os conhecimentos, ressignificando-os.

#### **4.3.3 – Escola como Espaço para a Pesquisa**

A Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação constitui-se em um espaço de diálogo teórico-prático entre os diferentes níveis de ensino, como possibilidade concreta de integração e construção de novos saberes na área educacional. De acordo com André (2006) [...] usar a pesquisa como uma metodologia de apropriação ativa do conhecimento apoia-se numa perspectiva ao mesmo tempo pedagógica e epistemológica. Parte-se do princípio que o sujeito aprende quando ele se desenvolve ativamente no processo de produção dos conhecimentos, desenvolvendo uma atividade mental, usando a linguagem e a comunicação com o outro (p. 222).

O desafio da interface com as disciplinas da graduação, é um dos aspectos que nos leva a constantes reflexões, pois, está ligado ao nosso compromisso de promover atividades que consolidem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Pautado nos princípios que orientam o Centro Universitário Feevale, e com vistas na ênfase de educar pela pesquisa, tem-se oportunizado atividades que estimulem os alunos da Escola a sentirem o prazer e o gosto pela pesquisa, fazendo dessa uma prática cotidiana. De acordo com Demo (2000, p 10), “a pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais”.

A formação docente não se dá de forma estanque, ocorre a partir das experiências de cada sujeito, desde suas vivências como aluno, até a sua formação acadêmica, acreditando-se na socialização de conhecimentos que se dá através da construção coletiva. Para André (2006), ensinar a pesquisar é o que se propõe, ou seja, criar situações e atividades que propiciem aos alunos aprender a observar, formular uma questão de pesquisa, a encontrar dados e instrumentais que lhe permitam elucidar tal questão e sejam capazes de expressar os seus achados e suas novas dúvidas (p. 223).

Além dessas questões, a pesquisa e uma postura investigativa, oportunizam ao professor reflexões sobre sua prática, possibilitando buscar diferentes maneiras que o auxiliem no aperfeiçoamento de sua ação participando assim, do processo de emancipação dos sujeitos.

A Brinquedoteca é projeto de extensão, vinculado diretamente aos Cursos de Pedagogia, Normal Superior e Psicopedagogia, do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes – ICHLA, sendo um espaço institucional que possibilita o desenvolvimento de pesquisas acadêmico-científicas a respeito da importância do lúdico para o desenvolvimento, possibilitando a relação entre os estudos desenvolvidos nas disciplinas da graduação e a prática desenvolvida na Escola de Educação Básica.

#### **4.4 - Organização dos Componentes Curriculares**

A Escola atende à legislação vigente no que diz respeito à organização curricular, tendo uma base nacional comum e uma parte diversificada, atendendo, dessa forma às exigências da comunidade escolar local.

No Ensino Fundamental, são oferecidas as Línguas Inglesa e Espanhola; no Ensino Médio, o/a aluno/a faz opção por uma das duas línguas. No que se refere à língua estrangeira, no Ensino Médio, a divisão das turmas acontece por níveis de acordo com o conhecimento de cada aluno/a: básico, intermediário ou avançado para a língua inglesa e básico e avançado para a língua espanhola. O estudo da língua estrangeira tem como objetivo desenvolver as habilidades comunicativas de falar, ouvir, ler e escrever.

O ensino da língua espanhola é de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, conforme Lei nº 11.161/2005.

## **4.5 – Avaliação**

### **4.5.1 - Da Avaliação Institucional**

A Avaliação Institucional na Escola de Aplicação objetiva uma constante reflexão, considerando os valores expressos na filosofia da Escola e as reais aspirações e necessidades da comunidade em que está inserida, intervindo qualitativamente no desenvolvimento do processo pedagógico, da gestão e nas relações em todas as dimensões do fazer escolar.

### **4.5.2 - Da Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**

A avaliação do ensino-aprendizagem está voltada tanto para o processo de ensino, como para o processo de construção do conhecimento, possibilitando o redimensionamento do planejamento e da prática pedagógica. Nesse sentido, os critérios de avaliação devem ser discutidos com os/as alunos/as, oportunizando a reflexão e propondo abordagens e intervenções diferenciadas.

Assim, é através da avaliação que podemos perceber a necessidade de mudança da prática pedagógica, pois a avaliação é uma das dimensões do processo ensino-aprendizagem e, se bem feita, pode ajudar a localizar os problemas e com isto fazer com que a aprendizagem seja melhor. Contudo, a avaliação por si só, não altera a qualidade da aprendizagem. É

essencial que o professor realize diferentes atividades como forma de retomar os conteúdos, a fim de oportunizar a aprendizagem dos alunos antes de propor novas estratégias de avaliação.

Perrenoud (1999) sugere que o aluno deve ser avaliado separadamente por um desempenho que supostamente reflita suas competências pessoais. Uma avaliação mais descritiva com clareza de critérios nos registros do professor, oferece possibilidades de soltar as amarras da avaliação tradicional, favorecendo uma transformação das práticas de ensino em pedagogias mais abertas, ativas, individualizadas, abrindo mais espaço à pesquisa, aos projetos, à construção, à expressão, à criação, ao pensar e ao aprender a aprender.

#### **4.5.3 - Conselho de Classe**

O Conselho de Classe constitui-se em um espaço pedagógico na organização escolar, proporcionando a participação efetiva de todos os professores juntamente com a Orientação Educacional, Supervisão Escolar, Psicopedagogia Institucional, Direção Pedagógica e os alunos, visando a reflexão e avaliação da prática pedagógica do/a professor/a bem como a aprendizagem de cada aluno/a.

De acordo com Dalben (2004, p. 31). “[...] Conselho de Classe prevê o lugar garantido, durante a reunião, a todos os professores que desenvolvem o trabalho pedagógico com as turmas de alunos selecionados para avaliação.” Assim, o professor além de apresentar apontamentos acerca do processo de aprendizagem dos alunos, também reflete sobre sua prática pedagógica, redimensionando sua ação na busca constante da qualificação do processo ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva o Conselho de Classe objetiva:

- Acompanhar e avaliar o processo de aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos;
- Oportunizar condições de avaliar os Planos de Estudo previstos para cada ciclo de formação, bem como de analisar a prática docente;
- Reunir dados que subsidiem o redimensionamento do planejamento;
- Definir encaminhamentos referentes aos/às alunos/as.

✓ **Pré – Conselho**

O espaço do pré-conselho mostra-se privilegiado na organização do trabalho escolar para o reconhecimento, a identificação e a mobilização do Projeto Político-Pedagógico da Escola.

Dessa maneira, o pré-conselho configura-se como um espaço interdisciplinar de estudo e tomadas de decisão sobre o trabalho pedagógico desenvolvido na Escola, oportunizando a discussão pedagógica do ensino e da aprendizagem de forma situada e integrada.

Nas reuniões de pré-conselho, os participantes refletem sobre:

- a) o perfil da turma e propõe linhas de ação;
- b) casos específicos de alunos que apresentam dificuldades no processo escolar;
- c) formas, critérios e instrumentos de avaliação utilizados para o conhecimento do aluno;
- d) acompanhamento dos alunos em seu percurso nos ciclos;
- e) adaptações curriculares para alunos com dificuldades específica.

Nesse processo, é fundamental conceber o pré-conselho como uma instância coletiva de avaliação do processo ensino-aprendizagem, pois é um momento de refletir e repensar a ação pedagógica.

#### ✓ **Conselho de Classe Participativo**

O Conselho de Classe Participativo é um espaço prioritário de discussão pedagógica, composto pelos professores, equipe pedagógica, alunos e pais que fazem parte do contexto em questão. Conforme Dalben (2004, p. 16.) “ [...] o Conselho de Classe guarda em si a possibilidade de articular os diversos segmentos da escola e tem por objeto de estudo a avaliação da aprendizagem e do ensino, eixos centrais do processo de trabalho escolar.”

Nesse sentido, a Escola de Aplicação, privilegia esse momento de participação com o propósito de ressignificar o processo avaliativo, em que, professores, alunos e pais sejam co-responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, possibilita a construção



dialética e o processo de ação-reflexão-ação, na qual as relações de poder são circulares no espaço escolar.

Assim, serão organizados espaços e tempos para a auto-avaliação do aluno e do professor, a avaliação coletiva da turma, bem como avaliar os processos de construção de aprendizagem de cada sujeito. O Conselho de Classe torna-se a expressão de uma escola reflexiva que através do diálogo tem o compromisso de construir a autonomia moral e intelectual dos envolvidos nesse processo.

Outro momento significativo, é um novo encontro onde os alunos representantes e professor/a conselheiro/a, juntamente com a turma estabelecem estratégias de ação que possibilitam uma (re)organização do processo de ensino-aprendizagem comprometendo a todos os envolvidos com o processo educativo.

#### ✓ **Relatório de Avaliação**

O relatório de avaliação é realizado pelo professor constituindo-se na síntese do acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem ao longo do trimestre. Nesse sentido, a prática dos relatórios de avaliação exige do professor observação atenta às manifestações dos alunos e registro desse processo, realizando reflexão teórica sobre tais manifestações, bem como intervenções adequadas. Para tanto, é fundamental que a avaliação contemple o respeito às diferenças e ao processo de aprendizagem de cada sujeito.

A expressão do processo e dos resultados alcançados é apresentada no relatório através de menções (A- atingiu os objetivos, EP – em processo e NA – não atingiu os objetivos) e de um parecer descritivo.

#### **4.5.4 Núcleo de Investigação e Intervenção Pedagógica**

O Núcleo de Investigação e Intervenção Pedagógica – NIIP visa oportunizar a investigação e intervenção pedagógica no processo de ensino e aprendizagem, objetivando proporcionar mais um espaço de aprendizagem, contemplando a proposta de uma escola ciclada e inclusiva.

A inclusão de pessoas com deficiência, pressupõe a garantia de acesso e permanência, com qualidade, nas escolas da rede regular de ensino, desses alunos. Propõe uma nova maneira de compreendermos as respostas educativas da escola, buscando a efetivação do exercício da docência, acolhendo, assim, a diversidade e respeitando as diferenças específicas dos alunos.

Entendendo como um dos princípios da educação inclusiva que “O direito a igualdade de oportunidades, que defendemos enfaticamente, não significa um modo igual de educar a todos, e sim, dar a cada um o que necessita em função de seus interesses e características individuais (Carvalho, 2004, p.35)”, a Escola de Aplicação organiza suas ações para contemplar essas necessidades.

Nesse sentido, tendo como objetivo que a escola atenda os princípios da educação inclusiva propõe o atendimento educacional especializado através do NIIP, proporcionando melhores condições de acesso ao espaço escolar, bem como aos conhecimentos nele construídos.

Além disso, o NIIP contribui com a prática pedagógica da Escola, contemplando a proposta ciclada, oferecendo um suporte ao processo de ensino e aprendizagem para todos os alunos.

O encaminhamento a este serviço ocorre no Conselho de Classe ou excepcionalmente em outros períodos, quando forem observadas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e após os encaminhamentos iniciais em sala de aula, como recuperação paralela e retomada das questões relativas à aprendizagem, com o aluno e os responsáveis.

O encaminhamento é realizado por escrito, pelo/a professor/a titular, para o/a Psicopedagogo/a, que, juntamente com a equipe do NAP, analisa a solicitação e realiza os devidos encaminhamentos.

Em todas as modalidades de atendimento propostas, prioriza-se a assessoria e o redimensionamento das abordagens de ensino em sala de aula, através de encontros

sistemáticos entre o/a professor/a que realizou o encaminhamento e aquele/a que trabalha com o/a aluno/a neste Núcleo, enfatizando o enfoque preventivo desta proposta.

#### **4.6 - Constituição de Turmas**

A constituição de turmas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, leva em consideração a proposta pedagógica da Escola, considerando o número máximo de alunos por turma, conforme segue:

- Turmas de Educação Infantil: 20 alunos/as por sala de aula.
- Turmas do I Ciclo ( 1ª, 2ª etapas): 25 alunos(as) por sala de aula;
- Turmas do II, III e IV Ciclos, do Ensino Fundamental: 30 alunos(as) por sala de aula;
- Turmas do Ensino Médio: 30 alunos/as por sala de aula.
- Educação Profissional: 30 alunos/as por sala de aula.
- Turmas de Educação de Jovens e Adultos: 30 alunos/as por sala de aula.

Nas turmas com pessoas deficientes, a equipe do NAP fará um estudo, para definir o número de alunos na turma, bem como a necessidade de um/a profissional em apoio ao trabalho do/a professor/a.

#### **4.7 - Da Metodologia de Ensino**

Busca-se, a partir de uma ação intencional e planejada, promover uma interlocução entre as atividades escolares e a realidade social, questionando as relações políticas, econômicas, sociais, culturais e históricas, possibilitando a construção de alternativas de mudança e intervenção transformadora nessa realidade. Assim, a intervenção do/a professor/a como orientador/a e problematizador/a nas situações de aprendizagem é indispensável para construção da autonomia intelectual e moral do/a aluno/a.

Uma aprendizagem significativa pressupõe a aquisição de valores, ressignificação das relações de aprendizagem, contextualização e a inter-relação de áreas do conhecimento. Os componentes curriculares, interdisciplinarmente, assumem também o caráter formativo.

Sendo assim, o lúdico, a problematização e a dialética perpassam todo o percurso da vida escolar na Educação Básica.

O trabalho realizado contempla a articulação dos conhecimentos escolares de forma a organizar as atividades de ensino e aprendizagem. Isto implica em considerar que tais conhecimentos não se ordenam para sua compreensão de forma rígida, nem em função de algumas referências disciplinares preestabelecidas ou de uma homogeneização dos alunos.

Assim, a Escola trabalha na perspectiva sócio-interacionista, no qual os sujeitos constroem o conhecimento na relação com o outro. Dessa forma, professor e aluno aprendem numa relação dialética.

#### **4.7.1 - Planos de Estudo**

Trata-se da organização pedagógica dos cursos compostos de objetivos, abrangência e amplitude dos componentes curriculares, bem como estratégias de aprendizagem previstas para cada ciclo. Os Planos de Estudo são elaborados pelo coletivo de professores com o Núcleo de Apoio Psicopedagógico – NAP.

#### **4.7.2 - Planos de Trabalho dos Professores**

Os Planos de Estudo, elaborados pelo coletivo de professores/as, constituem a base para a elaboração do Plano de Trabalho para cada turma, de modo que sejam preservadas a integridade e a coerência com o Projeto Político-Pedagógico da Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação e do Centro Universitário Feevale.

O Plano de Trabalho de cada professor/a deve possibilitar a flexibilidade de acordo com as necessidades de cada turma e a organização de aprendizagens previstas para cada ciclo de formação.

## **5. DA OPERACIONALIZAÇÃO**

A operacionalização da gestão e da Educação Básica, conforme descrito abaixo, está referendado no Projeto Institucional Pedagógico – PIP, do Centro Universitário Feevale.

### **5.1 - Da Gestão**

- Incentivar a criação de projetos inovadores de formação e pesquisa;
- Investir na construção e reorganização dos espaços e tempos da escola, contribuindo para o processo ensino-aprendizagem;
- Promover a articulação e inter-relação dos diferentes níveis de ensino da Instituição;
- Investir na integração escola – família;
- Inovar através de propostas pedagógicas diferenciadas;
- Investir na formação permanente dos/das professores/as.

### **5.2 - Educação Básica**

- Investir na reestruturação curricular, visando atender às demandas específicas da formação dos sujeitos na Educação Básica, Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos;
- Oferecer espaços qualificados de formação para os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, visando ao princípio expresso no Projeto Político-Pedagógico, que pretende constituir sujeitos dispostos a aprender;
- Integrar, de forma participativa, as representações dos segmentos que compõem Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação (professores/as, alunos/as,

pais/mães e funcionários/as), com vistas a ressignificar a organização institucional, em suas dimensões cultural, social, política e pedagógica;

- Desenvolver projetos de pesquisa, vinculados ao Projeto Político-Pedagógico da Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação, que visem à articulação nos diferentes níveis de ensino, a partir das necessidades expressas no Diagnóstico Institucional;
- Garantir espaços para articulação em Projetos de Pesquisa que envolvam a Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação, Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes e demais Institutos Acadêmicos e Pró-Reitorias do Centro Universitário Feevale.

### **5.3 – Projetos**

Os projetos trabalhados em forma interdisciplinar, encontram-se em tabela anexa a este documento.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto político-pedagógico é uma construção coletiva na qual “o texto estará sempre em processo de aprimoramento, por se tratar de um ‘tecido’ que nunca se arremata, porque a vida é dinâmica e exige modificações permanentes.” (EDLER, 2004, p.157). Dessa forma, percebemos que:

[...] o projeto político-pedagógico pode ser considerado como a ‘carteira de identidade’ da escola, evidenciando os valores que cultua, bem como o percurso que pretende seguir em busca de atingir a intencionalidade educativa. Espera-se que prevaleça o propósito de oferecer a todos igualdade de oportunidades educacionais, o que não significa necessariamente, que as oportunidades sejam as mesmas e idênticas para todos. (EDLER, 2004, p. 156-157).

Assim, esta Escola acredita que este documento baliza as ações pedagógicas, tendo em vista a prática reflexiva constante, necessária para uma educação de qualidade, inovadora e para todos (as).

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003. – (Coleção Questões de Nossa Época; 104)

ANDRÉ, Marli E. D. A. Ensinar a Pesquisar... Como e para que? In: SILVA, Aínda M. M. [et al]. **Educação Formal e não formal, processos formativos, saberes pedagógicos**: desafios para a inclusão social. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: ENDIPE, 2006.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**: Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília. 30p.

\_\_\_\_\_, Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 11.161 de 05 de agosto de 2005**. Brasília.

\_\_\_\_\_, Ministério de Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997.

\_\_\_\_\_, Ministério de Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 1 de 03 fevereiro de 2005**. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para Ensino Médio e Educação Profissional.

CANÁRIO, Rui. O Prazer de Aprender. In: **Pátio revista Pedagógica**, ano X, nº 39, Editora Artmed.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para aprendizagem**: educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2000.

\_\_\_\_\_. Educação Inclusiva: com os pingos no “is”. Porto Alegre, RS: Mediação, 2004.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. **Conselhos de classe e avaliação** : perspectivas na gestão pedagógica da escola. Campinas, SP: Papirus, 2004 .

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

DOMINGOS, Ana Maria. **A teoria de Bernstein em sociologia da educação**. Ed. da Fundação Calouste Gulbrnkian. Lisboa, 1985.

EDLER, Carvalho Rosita. **Educação Inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. São Paulo, SP: Loyola, 1991.



FEEVALE, Projeto Institucional Pedagógico – PIP. Centro Universitário Feevale, Assessoria Pedagógica. **Cadernos PROGRAD, Vol. 2.** Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002.

FEEVALE, **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI.** Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2005.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Possibilidades para entender o currículo escolar. In: **Pátio revista Pedagógica**, ano X, nº 37, Editora Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. Cidade Educadora e Educanda. In: **Pátio Revista Pedagógica**, ano X, nº 39, Editora Artmed, 2006.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos e Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUENZER, Acácia Zenaida; RODRIGUES, Marli de Fátima. As diretrizes curriculares para o curso de Pedagogia: uma expressão da epistemologia da prática. SILVA, Aida Maria Monteiro [et al]. **Novas subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social.** Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife. ENDIPE, 2006.

LIMA, Elvira Souza. **Ciclos de Formação: uma reorganização do tempo escolar.** São Paulo: GEDH – Grupo de Estudos do Desenvolvimento Humano, 2000.

\_\_\_\_\_ **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo> Moderna, 2003.

MENEZES, Luis Carlos de. Para que serve a escola? In: **Pátio Revista Pedagógica**, ano X, nº 39, Editora Artmed, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MOLL, Jaqueline (Org.). **Ciclos na escola, tempos na vida: criando possibilidades.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MORGADO, José Carlos. Educar no século XXI: que papel para o(a) professor(a)? In: GARCIA, Regina Leite [ et. al] **Currículo: pensar, sentir e diferir.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PERRENOUD, Philippe . **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_ **O Ciclos de Aprendizagem - um caminho para combater o fracasso escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUZA, Nádya Geisa Silveira de. Os discursos sobre a interdisciplinaridade: a necessidade de ações integradas no contexto escolar. In: **Cadernos nº 1**. Porto Alegre: AOERGS, 1997.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.

VEIGA, Ilma Passos A. **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas, SP: Papirus, 1995.

WERNECK, Claudia. Inclusão: qualidade para todos. In: **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 123, 1999, p.8-17.

ZAINKO, Maria Amélia Sabbag. A Gestão do Ensino Superior e os Desafios da Sociedade do Conhecimento, da Informação e da Educação. In: **Avaliação**: Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior. Vol. 4, nº 1 (11). São Paulo: Unicamp, 1999.

## **ANEXOS**

### **Tabela de Projetos da Escola**

<b>Nome</b>	<b>Síntese</b>	<b>Objetivos Específicos</b>
Teatro para Todos	A proposta é de levar teatro à comunidade com montagem de peças escritas pelos alunos que participam do projeto em turno inverso à aula, levando alegria e entretenimento a hospitais, praças, empresas e escolas públicas da região.	Informar e educar de forma lúdica e prazerosa; oportunizar a comunidade em geral momentos de cultura e lazer; engajar, associações, órgãos comunitários, empresas, hospitais, asilos em nossa proposta, promovendo a integração social; incentivar nosso aluno/ator através da liberdade de expressão a preservar a própria cultura.
Escolinhas Esportivas da Escola de Aplicação	Esta atividade constitui-se da organização e constituição de grupos com aplicação das técnicas esportivas adequadas a faixa etária dos participantes. As Escolinhas esportivas devem ser entendidas como uma oportunidade ímpar de projetar a Escola de Aplicação, bem como a oportunidade de oferecer aos nossos alunos um espaço para a prática de uma atividade esportiva.	Despertar o interesse pela prática desportiva; •Ser instrumento de divulgação e promoção da Escola de Aplicação, através, da participação em eventos esportivos; •Motivar o crescimento do esporte dentro da escola; •Possibilitar a interface da Escola de Aplicação com o Curso de Educação Física; •Oportunizar aos participantes o surgimento de novos líderes e talentos esportivos
NIIP - Núcleo de Investigação e Intervenção Psicopedagógica	O NIIP constitui-se em um espaço para oportunizar a investigação e intervenção pedagógica no processo de ensino e aprendizagem. Assim, apresenta-se como um serviço de apoio, visando proporcionar mais um espaço de aprendizagem, contemplando a proposta de uma escola ciclada e inclusiva.	Investigar e intervir para que haja a aprendizagem de todos os alunos; Refletir com o aluno, a família e o grupo de professores que trabalham com este aluno sobre o seu processo de aprendizagem, qualificando-o; Implementar a Escola de Aplicação, como um espaço de construção de novos conhecimentos para todos.
Informática Educativa	Possibilita o uso dos laboratórios de informática para desenvolver projetos de aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento.	Atender em laboratório de informática todos os alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais.
A Literatura sai da casca.	A literatura sai da casca a partir dos contos de Machado de Assis em 2002 e 2003 e Simões Lopes Neto em 2004, os alunos do Ensino Médio elaboram roteiros e montam filmes de curta metragem. Em exibição de lançamento, todos concorrem ao Feevalito entregue numa noite de muito glamour.	Produzir texto diferenciado: roteiro de cinema, requerimentos, ofícios, comentários críticos; Pesquisar a história a partir da contextualização dos contos gauchescos e Pesquisar a lingüística a partir da linguagem regionalista.

Nome	Síntese	Objetivos Específicos
Agência Experimental	O curso de Publicidade e Propaganda ministra a disciplina de prática profissional dentro da agência que recebeu o nome de Tempestade Cerebral, onde os alunos produzem peças, desenvolvem campanhas e aprendem fazendo todo o material de divulgação de eventos promovidos pela escola.	Unir a teoria adquirida nas disciplinas do curso através da prática profissional em trabalhos publicitários para a demanda de material solicitada pelas diversas áreas da Escola de Educação Básica – Escola de Aplicação, do ICHLA e outros Institutos; Oferecer aos alunos do curso a vivência da prática através do trabalho cotidiano de uma agência; Estabelecer um canal de comunicação entre os alunos e o público interno da Instituição; Aplicar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas do curso.
Projeto EKOS	Busca a conscientização da comunidade escolar para os problemas causados pelo mau gerenciamento dos recursos naturais, disposição final de resíduos e qualidade de vida, salientando a importância deste processo para o meio ambiente, o projeto quer “Ecoar” muito forte para que todos ouçam a Carta da Terra, sendo nossa escola um pólo divulgador e integrador de iniciativas de gestão ambiental. O pássaro Quero-Quero será o mascote deste projeto, pois é a ave símbolo do estado do RS.	O programa Ekos está fundamentado sobre três eixos temáticos principais: cultural, social e ambiental. Desta forma, busca uma formação integral que possa contribuir para a construção de uma melhor qualidade de vida, para a gerações atual e futuras. Gerar, aprimorar e difundir o conhecimento adquirido através do programa, de tal forma que estes indivíduos sejam um diferencial nas suas posturas e atitudes, frente as questões culturais, sociais e ambientais.
Ciência e Sociedade	Ciência e Sociedade procura construir junto aos alunos concluintes do Ensino Médio uma linha de tempo interdisciplinar destacando os principais acontecimentos, relacionado a conjectura do mundo atual. A partir das descobertas científicas do início do século, em especial aos trabalhos de Albert Einstein em 1905 e o lançamento das bombas nucleares sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki em 1945, procuramos destacar os movimentos sociais, culturais e políticos decorrentes destes acontecimentos.	Construir uma reflexão sobre a liberdade individual e coletiva na sociedade brasileira atual, bem como a dificuldade de se construir e assumir uma identidade coletiva enquanto povo brasileiro, tema comum entre os jovens que compõem o Ensino Médio; Revisitar o papel da mídia na condução, na indução e na construção de uma identidade coletiva que atende a interesses de uma sociedade de consumo com regras de uma cultura que nem sempre nos representa de forma fiel.
Portal Pedagógico da Escola de Aplicação	Um Portal Pedagógico junto à Escola de Aplicação, visa sua utilização como ferramenta criativa para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.	Oferecer um meio de comunicação e informações pedagógico da Escola de Aplicação à comunidade escolar.
Currículo Ampliado - Oficinas	Desenvolvimento de Oficinas de Educação Ambiental, Teatro, Natação, Lutas, Expressão, Violão, Atividades Multiesportivas	Sensibilizar os alunos e alunas do currículo ampliado sobre a problemática ambiental e demais atividades oferecidas nas diversas modalidades esportivas e de arte-educação.

Nome	Síntese	Objetivos Específicos
Identidade e Inclusão Social – Educar pela Pesquisa	Este projeto tem o intuito de ser impulsionador de debate e pesquisa em relação às identidades e diferenças, pois, a exclusão inviabiliza o reconhecimento da dignidade do sujeito, comprometendo a sua inclusão social.	Identificar as identidades produzidas pelo imaginário social; Analisar os mecanismos responsáveis pela construção das diversidades numa sociedade plural; Romper paradigmas das identidades sociais pré-concebidas, através de três eixos norteadores: midiático, biológico e territorial. Possibilitar a construção de uma nova postura frente à uma nova postura frente à diversidade através da reflexão/ação numa sociedade plural.
PROSAM: Projeto Sócioambiental	Este projeto procura promover a interface entre o curso de Engenharia Industrial e a Escola de Aplicação, como um espaço para a realização de uma possibilidade interdisciplinar entre todas as áreas do conhecimento, buscando a conscientização dos alunos para os problemas causados pelo gerenciamento dos recursos naturais, disposição final de resíduos e qualidade de vida.	Construir, de forma interdisciplinar, os conhecimentos sobre as questões ambientais locais e regionais, buscando alternativas e possíveis soluções. Conscientizar os alunos para a mudança de atitudes frente aos problemas sócioambientais, de forma pró-ativa, a fim de minimizar impactos na região da bacia hidrográfica do Rio dos Sinos.
Construção de Princípios e Conceitos Históricos	Este projeto visa atender os alunos na produção de saberes, que façam não somente em como compreende, mas também em como transformar.	Trabalhar conceitos históricos do concreto para o abstrato: possibilitar a construção de novos conceitos em história.